

Aspectos da Reanálise Sintático-Semântica de *Sem Que* na História do Português

Aspects of the Semantic-Syntactic Reanalysis of *Sem Que* in the History of Portuguese

Sanderléia Roberta Longhin*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar, no quadro teórico da gramaticalização (TRAUGOTT; DASHER, 2002; HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2010, 2015) aspectos da constituição histórica da perífrase conjuncional *sem que*. A pesquisa é norteadas pelas seguintes questões: 1) que propriedades da preposição *sem* autorizam a regência da proposição em *que* e a posterior reinterpretação como perífrase conjuncional? 2) considerando que a preposição *sem* mostra um esquema cognitivo espacial particular, em termos de *concomitância negativa*, e considerando que *sem que* expressa, dentre outros significados, aquele de concessão, como justificar o trânsito entre os significados fonte e alvo? A investigação é conduzida em perspectiva diacrônica, fundada em um *corpus* de textos representativos de diferentes estados do português. Os resultados evidenciam que propriedades sintático-semânticas de *sem* tiveram relevância para a reanálise de *sem que* e que coexistiram expansões contextuais do núcleo semântico de *concomitância negativa* em direção aos domínios de modo, condição e concessão.

Palavras-Chave: Gramaticalização; Diacronia; Junção; Concessão

ABSTRACT

This study within the theoretical framework of grammaticalization (TRAUGOTT; DASHER, 2002; HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2010, 2015) aims to investigate aspects of the historical constitution of the conjunctive periphrasis *sem que*. The research is guided by the following questions: 1) what properties of the preposition *sem* enable its prepositional government of *que* and its later reinterpretation as a conjunctive periphrasis? 2) keeping in mind that the preposition *sem* has a unique spatial cognitive schema related to *negative concomitance*, and considering that, among other meanings, *sem que* conveys concession, how could the transition between the source and target meanings be justified? This research is carried out on a diachronic perspective, based on a *corpus* of texts which represents different states of the Portuguese language. The results show that syntactic and semantic properties of *sem* have been relevant for the reanalysis of *sem que*, and that the semantic core of *negative concomitance* has concomitantly undergone a contextual expansion toward the domains of manner, condition and concession.

Keywords: Grammaticalization; Diachrony; Junction; Concession

Recebido em 21 de maio de 2020.

Aceito em 24 de junho de 2020.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.390

*Universidade Estadual Paulista /CNPq/Fapesp, sanderleia.longhin@unesp.br, orcid.org/0000-0002-8702-0033

Introdução

Neste trabalho, investigo as construções complexas articuladas com a perífrase conjuncional *sem que*, na perspectiva de sua constituição histórica, enquanto instância de gramaticalização. O propósito maior é alcançar uma explicação para os fatos da reanálise sintático-semântica que envolveram a combinação entre unidades já gramaticais, a preposição *sem* e a conjunção *que*, para a formação de uma unidade ainda mais gramatical, a perífrase *sem que*, que tem posição fixa na margem esquerda da oração e escopo oracional rígido. No português contemporâneo, as construções complexas com *sem que* se encontram em um cenário de polissemia, que inclui, pelo menos, as relações de *modo*, *condição* e *concessão*, conforme, respectivamente, (1) a (3)¹, dados extraídos do *corpus* desta pesquisa.

- (1) Cozam-se logo em vinho branco e caldo com salsa picada, **sem que** fervam para não endurecerem. (20CDC)
- (2) Os povos constataram ao longo da história que não pode haver segurança para os indivíduos **sem que** exista uma autoridade que garanta. (20RFD)
- (3) Circulou pelas ruas em cadeira de rodas, recebendo esmolas **sem que** pedisse (20FAV)

Condições contextuais específicas ainda são requeridas para a distinção entre a interpretação de (1) em termos de *modo*, noção bastante imprecisa que deverá ser refinada ao longo deste trabalho; de (2) como *condicional eventual negativa*, e de (3) como *concessiva*. A polissemia sincrônica é entendida aqui como um índice das trajetórias diacrônicas de desenvolvimento de *sem que* rumo a significados mais abstratos, subjetivos e procedurais. Estudos tipológicos no campo na junção, tais como Kortmann (1997), enfatizam a produtividade do trânsito de significados entre os domínios modal e o das relações denominadas CCCC, que abrangem causa, condição, contraste, concessão.

Nas tradições gramatical e linguística, inúmeras evidências sugerem que *sem que* não tem significação estável. Há gramáticos que reconhecem o valor modal (KURY, 1962), outros exploram (pelo menos alguns dos) valores condicional, concessivo e consecutivo (CUNHA; CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2006; BECHARA, 2009). Nos estudos linguísticos, o tratamento também é diverso. Neves (2000, p. 929) elenca *sem que* entre as modais e as condicionais; Romero (2009) admite os significados de condição e concessão; e Ramos e Silva (2016) exploram a polissemia modo, causa, condição, concessão e negação de consequência, a partir da derivação do significado de ausência e negação de *sem*.

1 As siglas, no final dos exemplos, indicam a procedência do dado: o número indica o século e as letras, as iniciais do texto. A relação completa dos textos com as respectivas siglas é apresentada na Seção 3.

A preposição *sem*, de origem latina, *sine* (*si + non*) seguida de ablativo, substituiu a preposição *sē ~ sēd*, atestada em textos antigos expressando *separação, afastamento, privação* (ERNOUT; MEILLET, 1951, p.1108). As preposições constituem uma classe que têm no Espaço seu domínio de significação primário, sendo os demais significados extensões polissêmicas motivadas por processos cognitivos básicos da mente humana (BYBEE, 2010; ILARI *et al.* 2015; KEWITZ *et al.* 2018). O Quadro 1 consiste em um recorte do Esquema Cognitivo de Espaço, que detalha a semântica das preposições (cf. Ilari *et al.* (2015)). Com as hachuras, destaco o eixo *longe e perto*, no qual repousam as preposições *sem* e *com*, respectivamente. Segundo Ilari *et al.* (2015), as preposições *com/sem* requerem que se trate a noção de espaço de forma mais sofisticada, em termos de presença/ausência em um espaço. Desse modo, a ausência no espaço (por exemplo, *apartamento sem sacada*) é a semântica primária de *sem* e o ponto de partida para constituição de significados novos.

Quadro 1. Esquema cognitivo de *sem* (adaptado de Ilari *et al.*, 2015)

Categoria cognitiva	Organização no espaço	Subcategorias	Papéis semânticos
ESPAÇO	Posição	eixo horizontal, vertical, transversal	origem/meta superior/inferior anterior/posterior
	Disposição	eixo continente/conteúdo	dentro/fora
	Proximidade	eixo longe/perto	proximal/distal
	Movimento	eixo real/fictício	dinâmico/estático

Embora a pesquisa sobre *sem que* seja mais extensa², como parte de um projeto que investiga concessivas em português, neste texto, proponho-me a examinar duas questões: 1) Que propriedades da preposição *sem* autorizam a regência da proposição iniciada por *que* e a posterior reinterpretação como perífrase conjuncional? 2) Considerando que a preposição *sem* mostra um esquema cognitivo espacial particular, em termos de *não presença* ou, em outras palavras, *concomitância negativa*, e considerando que a perífrase *sem que* é polissêmica entre modo, condição e concessão, como justificar o trânsito entre os significados fonte e alvo? Para responder às questões, investigo a trajetória evolutiva da preposição *sem* buscando, em suas propriedades sintático-semânticas, indícios acerca da predisposição à formação de perífrase e, em viés semasiológico, investigo nos vários contextos de uso pistas que poderiam ter favorecido a reanálise dos significados, sobretudo para expressão das relações concessivas, consideradas de maior teor subjetivo.

2 Este trabalho traz parte dos resultados de um projeto maior, intitulado *Junção e(m) mudança: a história das concessivas*, que é desenvolvido com apoio do CNPq/PQ (processo 305901/2017-6).

O texto está organizado em quatro seções, excetuando-se esta Introdução e as Considerações finais. Na seção 1, discorro sobre aspectos da história das concessivas, particularmente sobre o caráter derivado da relação concessiva e sobre as fontes mais produtivas nas línguas, sistematizando, ao final, fatos pertinentes à constituição de *sem que*. Na seção 2, apresento as bases do quadro teórico que norteia a pesquisa. Na seção 3, descrevo o material de pesquisa, explicito os critérios utilizados para composição do *corpus* diacrônico e esclareço os parâmetros metodológicos para análise dos dados. Na seção 4, apresento a análise dos dados, que se desdobra em duas subseções. Na primeira, examino as formas de conexão sintático-semântica da preposição *sem* e as implicações destas para a mudança; na segunda, exploro os padrões funcionais de *sem que*, com atenção à especificidade das relações concessivas instauradas por *sem que*, e ofereço uma explicação para o elo de significação entre as construções fonte e alvo. Nas Considerações finais, retomo as questões de pesquisa para ponderação dos resultados.

1. A história das concessivas e a constituição de *sem que*

Especialistas em história das línguas (MAURER, 1959; HERMAN, 1963; CAMARA, 1975; MONTERO CARTELLE, 2000; HERRERO-RUIZ, 2005; SOUTET, 2008; BERTOCCHI e MARALDI, 2009; KEWITZ *et al.* 2018) reconhecem dois fatos importantes na constituição dos sistemas conjuncionais nos romances latinos: de um lado, o desuso de grande parte do acervo das conjunções latinas e, em contrapartida, a expansão de estratégias de reposição de conjunções, já incipientes em latim tardio, que consistiam na reinterpretação de palavras de diferentes classes como conjunção, ou na combinação de palavras diversas com *que*, no esquema *x+que*, do qual resultaram inúmeras perífrases conjuncionais.

No sistema de concessão, foi grande a ruptura entre línguas românicas e latim. As concessivas latinas não permaneceram e as línguas filhas criaram mecanismos próprios para expressão de relações concessivas, por meio de períodos justapostos, frequentemente aliados ao subjuntivo, com ou sem reforço adverbial, e também por meio de preposições e conjunções. Desse modo, os jutores³ concessivos são criações vernáculas. Em português, as fontes para jutores concessivos são passíveis de apreensão, ao menos em parte, em aspectos de sua composicionalidade, caracteristicamente perifrástica de base em *que* (port. *ainda que, mesmo que, sem que, por mais que, se bem que, apesar de que*).

Evidências da natureza derivada das relações concessivas estão na emergência tardia de seus meios de expressão, verificável tanto de um ponto de vista *filogenético*, da história das línguas, como *ontogenético*, da evolução da linguagem infantil (KORTMANN, 1997). Na

3 O termo *jutor*, tal como utilizado neste trabalho, cobre vários mecanismos de conexão: conjunção, preposição, perífrase conjuncional, perífrase preposicional, expressão adverbial conjunta.

filogênese, pesquisas em perspectiva translinguística constataram que as fontes mais produtivas para a criação de jutores concessivos residem em expressões que sinalizam coexistência temporal, exclusão, disjunção, ênfase, volição, quantificação, condição, ou sentimentos humanos (KÖNIG, 1985; HARRIS, 1988; KORTMANN, 1997).

No universo dessas fontes, a perífrase *sem que* está relacionada à *exclusão*, significado inerente à preposição fonte *sem*. Contudo, a trajetória rumo a *concessão* e a mudança morfossintática de preposição à perífrase conjuncional não são óbvias. Para me aproximar de uma explicação, filio-me a um quadro teórico de base funcionalista, que admite que o sistema linguístico é afetado por determinações pragmáticas e cognitivo-perceptivas e que a mudança tem uma característica primordial que é a direcionalidade rumo a significados mais abstratos (HEINE e KUTEVA, 2007; BYBEE, 2010, 2015; TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2012, entre outros), conforme discuto na próxima seção.

2. O quadro teórico-metodológico

Em um modelo funcionalista de interação verbal, em que temos a centralidade dos sujeitos, a expressão linguística depende das informações pragmáticas dos usuários, dos propósitos de dizer, das avaliações, antecipações e conjecturas sobre a interpretação do outro. Assim, os significados são negociados e construídos na situação de comunicação. Nessa negociação é que a língua pode experimentar mudanças. Diferentes modelos diacrônicos para a mudança têm posições divergentes quanto ao tipo de entidade pragmática envolvido, quanto à preponderância dos papéis do locutor e do destinatário e quanto à natureza dos contextos motivadores. Com ênfase nas alterações de significado, os trabalhos desenvolvidos por Traugott nas últimas décadas forneceram os fundamentos para um novo paradigma, que foi sistematizado em Traugott e Dasher (2002). Muitos dos desenvolvimentos recentes em semântica e pragmática histórica consistem em tentativas de refinar esse modelo (HANSEN; VISCONTI, 2009).

A criação de *sem que*, na história do português, conforma-se a um fenômeno de gramaticalização, processo de mudança linguística em que palavras ou construções menos gramaticais adquirem novos usos, tornando-se mais gramaticais, em um percurso histórico lento e gradual, caracterizado por uma considerável variação de forma e de função e por um aumento na frequência de uso (HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2010, 2015). Para ocorrer, a gramaticalização depende fundamentalmente de *contextos* que, em suas várias acepções – estrutural, discursivo, conhecimento e representações de mundo, situação comunicativa que envolve as relações entre os falantes, e tradições discursivas de dizer e escrever - têm protagonismo na explicação do gatilho das mudanças, das rotas percorridas e da gradiência na constituição de categorias e de significados emergentes.

Os processos de gramaticalização afetam vários níveis de análise, desencadeando reanálises⁴ na morfossintaxe e na semântica e, em alguns casos, perda de substância fonética. Dada a profusão de estudos recentes em torno de fatos de gramaticalização, aspectos da natureza e da dinâmica das línguas ganharam, com grande respaldo teórico e empírico, um conhecimento mais fino, dentre os quais ressalto: i) as possibilidades de ampliação no tempo das ditas *palavras de classe fechada*, ainda que o ritmo e o modo de condução dessa ampliação sejam muito diversos daqueles experimentados pelas *palavras de classe aberta* (ILARI *et al.* 2015, p.168); e, ii) a constante (*inter*)*subjetivização* dos significados como produto de uma tendência diacrônica de desenvolver significados cada vez mais fundados nas crenças, objetivos e perspectivas dos usuários da língua (TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2012).

A emergência de *sem que* constitui uma ampliação da subclasse das palavras gramaticais que fazem junção no âmbito das relações adverbiais, dentre elas a de *concessão*, altamente intersubjetiva, que põe em relação eventos que, de um modo a ser esclarecido neste trabalho, contradizem as expectativas normais dos sujeitos, tendo em vista as experiências e o conhecimento geral de mundo que eles têm. Dos inúmeros aspectos inerentes à gramaticalização de *sem que*, circunscrevo-me à abordagem de fatos relativos à reanálise categorial e à reanálise semântica:

i) *Reanálise categorial de preposição a conjunção complexa*. Envolve perda de traços morfossintáticos da forma fonte não mais pertinentes à categoria em constituição, ganho de traços do novo domínio categorial, além de possível preservação de traços da fonte (HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2015). No caso do fenômeno investigado, para além de fatores sintáticos, já destacados, que são cruciais para a distinção entre as duas categorias como, por exemplo, a posição rígida e o escopo ampliado alcançados pela perífrase *sem que*, os quais já indicam ganho de gramaticalidade, interessa procurar por fatos linguísticos que ajudem a compreender a transição entre as categorias. Uma via está na análise da forma fonte.

Assumo que a perífrase *sem que* é mais um produto do esquema abstrato *x+que*. Para vários romanistas, à maneira de Herman (1963), esse esquema tem grande potencial preditivo: preposições, advérbios e nomes saturam a variável *x*, a qualquer momento, nas diferentes línguas. No entanto, como Barra Jover (2002) argumenta, fatos da história das línguas românicas permitem refutar a versão puramente analógica desse esquema, já que, no que se refere às preposições, por exemplo, nem todas se envolvem na formação *x+que* e, quando o fazem, mostram frequência e cronologia diferentes, se comparadas as várias línguas românicas. Se nem todas as preposições se envolvem no esquema *x+que*, então é necessário compreender fatos do funcionamento e da história de *sem que* que a tornaram disponível para o esquema abstrato que deu lugar à conjunção.

4 Como em Bybee (2015, p. 131), utilizo o termo *reanálise* para cobrir as múltiplas mudanças que ocorrem na gramaticalização.

Nessa perspectiva, aproximo-me de Barra Jover (2002), cuja proposta, aplicada ao espanhol, consiste em suprimir a aplicação mecânica de *x+que* em favor da investigação do funcionamento da preposição em todos os contextos. Para o autor, uma preposição pode reger uma proposição em *que*, criando um cenário propício à reanálise categorial como perífrase, se ela reúne certas condições. Uma das condições está na capacidade da preposição reger sintagmas nominais definidos do tipo [4D]⁵. A definitude do nome e sua propriedade de instituir coordenadas espaço-temporais estão associadas a preposições que têm potencial para seleção de uma proposição em *que*. A razão para isso está na similaridade existente entre a estrutura argumental de nomes [4D] e aquela de proposições com verbos flexionados (*a queda de Luís* ou *sua queda ~ Luís caiu*)⁶.

ii) *Reanálise dos significados rumo ao intersubjetivo e procedural*. As mudanças de significado, bem como aquelas que acompanham a gramaticalização, também envolvem perda, ganho e possível manutenção de traços (HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2015). Ocorrem por meio de dois mecanismos de transferência conceitual amplamente reconhecidos, a *metaforização* e a *metonimização* (TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2012). O primeiro se refere a transições que operam entre domínios conceituais, orientadas ao aumento de abstração; o segundo se refere a inferências de vários tipos, que são ativadas em contextos específicos e que ao ganharem saliência podem ser convencionalizadas. Como resultado da atuação desses mecanismos, que muitas vezes se processam de maneira complementar, os significados resultantes são mais *abstratos*, *(inter)subjetivos* e *procedurais*.

Neste trabalho, analiso a relação entre os significados fonte e alvo, partindo do pressuposto da continuidade entre os significados, i.é., da *polissemia*. Estará em questão o princípio da *persistência*, postulado por Hopper (1991) e refinado em trabalhos mais recentes (HANSEN, 2011; WALTEREIT, 2012). Assumo que a semântica da fonte tem um papel importante, e não é só o da retenção de vestígios de significados anteriores. Trata-se de entender a fonte como norteadora e, sobretudo, como limitadora de caminhos de mudança que são possíveis e prováveis em uma direção, mas não em outra.

5 N[4D] designa um referente que se situa em três dimensões espaciais e uma dimensão temporal. Segundo Jover (2002, p.197), o traço [4D] tem alcance gramatical na medida em que incide nas propriedades de seleção das entradas lexicais. Relaciona-se à hipótese de que, na evolução das preposições, a aceitação de complementos [+4D] é mais tardia, independentemente de a preposição reger ou não uma proposição-*que*. A título de ilustração, em (1) e (2) abaixo, adaptados de Jover, *sob* tem traço [±4D] e *debaixo*, traço [-4D]:

- (1) a. Luís dormiu *sob* uma ponte [3D]
b. Luís dormiu *sob* o efeito de um sonífero [4D]
(2) a. Luís dormiu *debaixo* de uma ponte [3D]
b. * Luís dormiu *debaixo* do efeito de um sonífero

6 Rudolph (1996, p.395) se refere a nomes com valor semântico de oração.

Sobre os caminhos prováveis, Kortmann (1997) reúne muita evidência empírica sobre padrões de polissemia nos principais canais de derivação histórica que levaram à formação de conectores adverbiais, em um conjunto considerável de línguas europeias. Concebendo quatro macrossistemas que comportam conjuntos de relações com elos de parentesco - *modo, lugar, tempo* e *CCCC* (*causa, condição, concessão, contraste*) - o autor constata que: i) as afinidades semânticas são mais fracas entre Lugar e Tempo, Tempo e Modo, Modo e CCCC, CCCC e Lugar; ii) as afinidades semânticas são virtualmente ausentes entre Lugar e Modo; iii) todas as relações dão lugar a CCCC, mas não vice-versa; iv) Lugar e Modo dão lugar a Tempo, mas não vice-versa; v) Tempo exibe as mais fortes afinidades semânticas com as relações CCCC; e, vi) Tempo é fonte para CCCC, mas é alvo para Lugar e Modo.

3. Material, recorte do *corpus* e metodologia de investigação

As construções com *sem que* são investigadas em textos escritos de diferentes gêneros, do português europeu e português brasileiro (PE e PB, daqui em diante), produzidos no período que compreende os séculos XIII ao XX. Os textos que compõem o *corpus* foram extraídos das plataformas⁷: *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*; *Corpus Informatizado do Português Medieval*; *Corpus de textos antigos (CLUL)*; *Projeto História do Português Brasileiro*, *Projeto História do Português Paulista* e *Acervo digital da Biblioteca Brasileira*. Para os períodos mais pretéritos, os textos são necessariamente do PE e, a partir do século XVIII, há mescla de textos do PE e PB⁸.

Além do critério temporal, a constituição do *corpus* foi baseada em outros dois critérios. O *textual qualitativo*, por meio do qual foram selecionados, para cada sincronia, textos que mostrassem sequências narrativas, argumentativas e prescritivas, na expectativa de que a variedade de tipologias textuais, em cada estado de língua, pudesse favorecer ocorrências dos vários padrões de *sem* e permitisse chegar a uma amostra balanceada o quanto possível, reduzindo o risco de resultados enviesados por assimetrias na seleção dos tipos textuais⁹. O *textual quantitativo*, por meio do qual foi definida, para cada sincronia, a seleção de sete textos,

7 www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho; <https://cipm.fcsh.unl.pt/>; <http://teitok.clul.ul.pt/cta/>; <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>; <http://phpp.fflch.usp.br/corpus>; www.bbm.usp.br

8 Agradeço à bolsista Ana Maria Moraes, que trabalhou na constituição de parte desse *corpus* e na seleção e tabulação das ocorrências, tarefas previstas em seu projeto de iniciação científica, desenvolvido sob minha orientação (Fapesp, proc. 2017/25442-7).

9 Seguindo uma linha da romanística que elege os mecanismos de junção como índices fundamentais para reconhecimento de tradições textuais (KABATEK, 2006; PONS RODRÍGUEZ, 2009, dentre outros), assumo que a escolha dos mecanismos de junção, a frequência relativa de uso e a distribuição no texto estão fortemente relacionadas às tradições textuais, de modo que certas tradições podem favorecer e outras desfavorecer escolhas no âmbito da junção.

com controle do número de palavras, aproximadamente 400.000 para cada sincronia¹⁰. Utilizei a ferramenta computacional *Sketch Engine* para compilar o *corpus*, controlar o número de palavras e selecionar as ocorrências nos contextos de uso. Quadro 2, a seguir, traz a relação completa dos textos selecionados para cada estado de língua, com as respectivas siglas e o número de palavras:

Quadro 2. Relação dos textos que constituem o *corpus*

Período	Textos com as respectivas siglas	No palavras
XIII	Dos costumes de Santarém (13DCS); Testamentos D. Afonso II (13TDA); Chancelaria D. Afonso III (13CAF); Foro Real Afonso X (13FRA); Documentos Notariais (13DN); Cantigas de Escárnio e Maldizer (13CEM); Cantigas de Santa Maria (13CSM).	111.554
XIV	Crónica Geral de Espanha (14CGE); Dos Costumes de Santarém (14DCS); Livro de Montaria (14LM); Narrativas de Linhagens (14NL); Bíblia Medieval Portuguesa (14BMP); Livro dos Mártires (14LDM); Primeira Partida Alphonse X (14PP)	371.698
XV	Livro da Ensinança e Bem Cavalgar (15EBC); Crónica D. Afonso (15CDA); Orto do Esposo (15OE); Leal Conselheiro (15LC); Sacramental (15S); História de nobre Vespasiano (15HNV); Castelo Perigoso (15CP)	367.603
XVI	Corte na Aldeia (16CA); Cartas de D. João (16CDJ); História da Província de Santa Cruz (16PSC); Monarquia Lusitana (16ML); Peregrinação (16P); Cronica D. Afonso Henriques (16CDA); Poesia e Pintura (16PP); Teatro Antonio Ferreira (16TAF)	407.424
XVII	Vida do venerável padre Joseph de Anchieta (17VVP); Dialogos de varia historia (17DVH); Nova Lusitânia (17NL); Voz Sagrada (17VS); Gazeta (17G); Arte de furtrar (17AF); Cartas Padre Vieira (17CPV)	421.373
XVIII	Dizertação sobre as Capitánias de Santo Amaro e São Vicente (18CSA); O Fazendeiro do Brazil (18OFB); Caminhando mato dentro (18CMD); Reflexões sobre a vaidade dos homens (18RVH); Historia dos Lazaretos (18HL); Cartas oficiais e cartas particulares do PHPB (18COP); Por rumos na agulha (18PRA)	437.998
XIX	História e descrição da febre amarella (19HDF); Notícia para História e Geografia (19NHG); Physiologia das Paixões e afexões (19PP); Romances e Novelas (19REN); Cartas diversas do PHPB (19CD); O cavaleiro Teutonico (19CT); Sangue Limpo (19SL)	447.825
XX	Cartas de leitores e redatores de jornais (20CLR); O cozinheiro dos cozinheiros (20CDC); A sciencia no lar moderno (20CLM); O café na história, no folclore e nas belas-artes (20CHF); Cartas de administração privada (20CAP); Revista da Faculdade de Direito (20RFD); Feliz ano velho (20FAV)	440.929

10 O período referente ao século XIII tem quantidade menor, pelo fato de que alguns dos textos selecionados, que atendiam ao rigor filológico desejado e ao critério qualitativo, eram menos extensos. Contudo, possíveis efeitos negativos dessa diferença podem ser minimizados pela apuração da frequência relativa (cf. Tabela1).

Quanto às decisões metodológicas, a unidade de análise é sempre a construção complexa de que o juntor (preposição ou perífrase conjuncional) faz parte. A descrição e análise dos dados conjuga as abordagens qualitativa e quantitativa, com ênfase na qualitativa. Para dar conta do primeiro objetivo, sobre as propriedades sintático-semânticas da preposição *sem* que autorizam a regência da proposição iniciada por *que* e a posterior reinterpretação como perífrase conjuncional, adoto como parâmetro de análise, em perspectiva longitudinal, o modo como a preposição *sem* participa da conexidade sintática e a variedade e tipos de significados, nos diferentes contextos de uso. Nessas análises, a apuração das frequências absoluta e relativa se mostrará importante tanto no reconhecimento de tendências, como na identificação de índices relativos à expansão de uso e à mudança. Para dar conta do segundo objetivo, sobre o do trânsito gradual entre os significados fonte e alvo, em viés qualitativo, invisto no refinamento do significado fonte e na descrição circunstanciada dos padrões semânticos derivados.

4. Diacronia de *sem (que)*

O mapeamento nos textos do *corpus* resultou em 2931 ocorrências de construções com *sem*, que se distribuem por três diferentes padrões gramaticais: um preposicional e dois conjuncionais. A Tabela 1 apresenta, em perspectiva longitudinal, as frequências desses três padrões. A preposição fonte *sem* é o padrão mais frequente em todos os estados de língua, equivalendo a 63% dos dados. A conjunção *sem*, 31% dos dados, também foi documentada já nos textos mais antigos, ainda que com frequência diminuta, e só a partir dos textos do século XVI é que se mostrou mais usual. Em contraste, a perífrase *sem que* é mais tardia. As primeiras instâncias datam do XVI¹¹ e, no quadro geral do material investigado, aparece sempre em frequência muito menor, 6% dos dados. O século XVI, aliás, parece ter sido um período crucial para a mudança, visto que a frequência geral de *sem* aumenta consideravelmente para 411 dados, frente aos 178 dados do período anterior. O aumento da frequência geral é reconhecidamente um fator importante no gatilho e na implementação das mudanças (BYBEE, 2010).

11 Esse resultado corrobora os achados diacrônicos de Romero (2009). Para o espanhol, Barra Jover (2002) verifica as primeiras ocorrências de *sem que* em textos do século XV; no francês, segundo Barra Jover (2013), *sans que* é implementado no século XVI.

Tabela 1. Frequências absoluta e relativa dos padrões funcionais de *sem* e *sem que*, em perspectiva longitudinal

	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	Total
Prep <i>sem</i>	119 (98%)	121 (97%)	139 (78%)	250 (61%)	242 (55%)	339 (64%)	376 (56%)	258 (56%)	1844 (63%)
Conj <i>sem</i>	3 (2%)	3 (3%)	39 (22%)	157 (38%)	168 (38%)	151 (28%)	210 (31%)	168 (37%)	899 (31%)
Perif. <i>sem que</i>	0 -	0 -	0 -	4 (1%)	28 (7%)	42 (8%)	84 (13%)	30 (7%)	188 (6%)
Total	122 (100%)	124 (100%)	178 (100%)	411 (100%)	438 (100%)	532 (100%)	670 (100%)	456 (100%)	2931 (100%)

As ocorrências de (4) a (6) são exemplares desses padrões gramaticais. Em (4), a preposição introduz um nome (*engano*), e o sintagma *sen engano* juntamente com o advérbio em *-mente* (*compridamente*) são colocados em equivalência pela coordenação com *e*. Em (5) e (6), a conjunção *sem* e a perífrase *sem que* introduzem orações, realizadas com infinitivo e subjuntivo, respectivamente. Em todos esses dados, prevalece aceção modal.

- (4) (...) devemos a dar mais compridamente e **sen** engano (13FRA, 34)
- (5) Porende que pera o lançar das pernas, do firmar dos pees e endereçar do corpo, seguramente, **sen** apertar as pernas, se podem bem correger. (15EBC, 138)
- (6) Correo o tempo na mesma forma **sem que** sessacem as necessidades referidas, e em dia onze deste mez pertendeo o Gentio sobre amadrugada ao Sahir da Lua darnos hũ assalto dentro na Praça. (18CMD)

A noção de *modo*, na literatura linguística, cobre um largo número de relações. Para caracterização da nuance modal de *sem*, combino duas das relações propostas em Kortmann (1997), a saber, *modo* e *concomitância negativa*. Nas relações modais, segundo o autor, *p* e *q* se referem ao mesmo evento e *p* especifica como o evento é realizado. Respondem a perguntas ‘*como?*’, que aplicadas aos dados de (4) a (6) resultam em: *como devemos dar? Como firmar os pés e endereçar o corpo? Como correu o tempo?* Mas há um outro elemento na semântica básica de *sem*, a não presença ou a negação de uma concomitância, em que ‘*p* não acompanha *q*’. Da mescla dessas duas noções resulta a definição de ‘relação modal’, em (7), assumida neste trabalho:

- (7) *Relação modal*
- a) *p* e *q* se referem ao mesmo evento;
- b) o evento se realiza de modo que *p* não é concomitante a *q*.

Nas subseções que seguem, examino a conexidade da preposição *sem* (4.1) e o trânsito dos significados na constituição de *sem que* (4.2).

4.1 A conexidade da preposição *sem*

Os dados investigados mostram que o português arcaico conheceu a preposição *sem* ~ *sem* ~ *ssen*, apta à introdução de adjuntos e predicativos, mas não de complementos. Esse padrão de conexidade se mantém até hoje, conforme Ilari *et al.* (2015) afirmam sobre o português brasileiro culto falado. Em todos os estados de língua estudados, há contextos sintáticos em que *sem* faz adjunção a sintagmas verbais (SV), ou a sintagmas nominais (SN) ou a Orações (Or). O contexto mais frequente é aquele em que *sem* acrescenta ao núcleo verbal um adjunto modificador, conforme (8) a (15):

- (8) ir a Alcalá **sen** pavor e **sen** espanto (13CEM)
- (9) se ella morrer **sen** manda (13FRA)
- (10) compre **sem** portagem (14DCS)
- (11) Assy sse guarda **sem** outra citaçom (14DCS)
- (12) o dicto Apostollo nos manda orar contynuadamente e **sem** enterpoymento (15LC)
- (13) por serem parentes muito chegados, e casarem **sen** dispensação (15CDA)
- (14) cavalgar **sen** estrebeiras (15EBC)
- (15) eu hei de viver **sem** vós (15CDA)

Nos dados de (8) a (15), o adjunto *sem+nome* acrescenta ao predicado verbal a noção de *modo*, tal como definida em (7). Dadas as especificidades contextuais e a natureza do nome, a relação modal pode se efetivar como uma não concomitância no espaço, como em *cavalgar sem estrebeiras* (14); ou uma não concomitância no espaço e no tempo, como em *viver sem vós* (15), e até mesmo uma não concomitância com estados mentais, como em *ir sem pavor e sem espanto* (8). Isso evidencia um fato bastante importante que é a expansão semântica da preposição *sem*, em meio a um contínuo de domínios cognitivos que avança em complexidade, partindo de espaço, o mais elementar, em direção a tempo e estados mentais.

Em outro contexto sintático, *sem* faz adjunção a um SN, conforme (16) a (23). Alguns casos se pautam na não concomitância no espaço, (18), (19), (21) e (22), outros, na não concomitância com estados mentais. Diferentemente do contexto de SV, no contexto de SN, em que o sintagma *sem+nome* é modificador de nome, a noção de modo pode ser reinterpretada em termos de *qualidade*. Também no contexto de predicação nominal, conforme (24), *sem* introduz um predicativo do sujeito, com a expressão de qualidade procedente da negação no espaço.

- (16) omem **sen** memoria ou **sen** syso (13FRA)
- (17) moller **sen** bondade (13CSM)
- (18) peões **sem** lanças e com grandes sapatões (13CEM)
- (19) o rastro **sem** encostadura (14LM)

- (20) homem **sem** sabedoria (14BMP)
- (21) de lanças **sem** ferros (14DCS)
- (22) per hũa terra seca **sem** augua (15OE)
- (23) A sciencia **sem** uirtude (15OE)
- (24) este campo he **sen** herva (14LM)

Mas a preposição *sem* não está restrita à articulação de termos, também pode acrescentar um adjunto a uma oração completa, conforme (25)-(33). Nesse caso, a depender do contexto, a relação modal pode avançar para expressão de relações mais abstratas, condicionais e concessivas. Compare (25) e (26), em que prevalece a relação modal, com (27) a (30), em que *sem* introduz um termo que funciona como condição para a realização do conteúdo da oração prévia, que sempre traz uma negação explícita (às vezes, dupla negação). Nos exemplos, a presença de um rei é condição para existência de um povo (27); a autorização dos maridos é condição para a validade das ações de mulheres (28); o consentimento da fêmea é condição para emprenhar (29); a sabedoria é condição para bem aventurança (30). Por outro lado, nos dados de (31) a (33), temos contextos em que a concomitância negativa contraria expectativas ou, no mínimo, ela é considerada notável, o que habilita expressão contrastiva. Em (31), mesmo na ausência de vela, consegue ver as horas; em (32), mesmo sem vontade ou gosto, matou o filho da viúva; e, em (33), mesmo sem ter morrido, foi para o paraíso na companhia dos anjos.

- (25) O que a Santa Maria mais despraz ... E **sen** aquest', os judeus fezeran ãa cruz (13CSM)
- (26) ao outro dia cedo, **sen** mais tardar partiu o Infante com aqueles mil e quatrocentos de cavalo (15CDA)
- (27) nehuũ poboo non pode auer **sen** seu rey (13FRA)
- (28) costume he q nêhua molher q aja máá ffama nenhũa cousa que ffaça nõ deue a ualer **ssen** mandado de sseu marido (13DCS)
- (29) (...) dizem os naturaes que nenhũa animalia nem ave nunca emprenham **sen** consentimento da fêmea (14LM)
- (30) E diz Sancto Agostinho que nõ he nehuũ bem auêturado **sen** sabedoria (15OE)
- (31) vira estar sobre aquelle crucifixo hũa pedra qual nũa doutra tal ouvyra fallar, ca, pella noyte escura, dizia que veeriam ao lume della bem como se fosse dya e diziam ao lume della as horas **sen** nem hũa outra candeia (14CGE)
- (32) **sen** seu grado, matou huũ filho de hũa viuua, e ella queyxou-se ao enperador, (15OE)
- (33) passara do parayso terreal pera a conpanha dos angeos **sen** morte nehũa (15OE)

Em suma, *sem* faz adjunção e em diferentes esquemas sintáticos. Na adjunção a SN, o sintagma exerce as funções sintáticas de adjunto adnominal e de predicativo (sujeito e objeto); na adjunção a SVs, exerce a função de adjunto adverbial, com prevalência da acepção modal; e, na adjunção a Or, exerce também a função de adjunto adverbial, mas a semântica se espraia entre modo, condição e concessão.

Os usos preposicionais de *sem* descritos acima distinguem-se de um conjunto de ocorrências, que classifiquei como conjuncionais com *sem*, pelo fato de que a articulação se faz entre duas orações, portanto, no terreno das conjunções. São construções que se realizam com infinitivo, conforme (34) a (36), e apareceram desde os textos mais antigos (rever Tabela 1). De modo similar à preposição *sem*, a conjunção *sem* também está envolvida em rede polissêmica: em (34), a noção de modo repousa na negação da concomitância de pessoas no espaço (*cavalgou sem levar ninguém*); em (35), sobressai a condicionalidade negativa, estruturada na negação de ambos os conteúdos, em que o não cumprimento da condição implica o não cumprimento do condicionado (*nunca o filósofo chorava, se não fosse em público*); e, em (36), a não concomitância contraria expectativas, em um contexto em que o indivíduo não é castigado, apesar do crime cometido.

(34) (...) cavalgou secretamente um dia pela manhã cedo, **sem** levar ninguém consigo (15CDA)

(35) (...) nunca este Filósofo chorava **sem** ser em publico, buscando expectadores (17VZ)

(36) (...) e foi me dito por pessoas dignas de fê que vay colher esta camfora um homem, e enche dela hũa cabaça, e se outro homem ho vee primeiro com a cabaça chea, ho mata, e lhe toma a cabaça, **sem** por isso ser castigado (16CSD)

A descrição conduzida até aqui mostra que, já no português arcaico, *sem* se expandia semanticamente para o domínio das relações adverbiais e já selecionava orações, as reduzidas de infinitivo, transitando, portanto, em um nível de análise mais alto. Esses são alguns indícios do potencial de *sem* rumo ao estatuto conjuncional *sem que*. Visando a esmiuçar esse potencial, retomo nesse ponto a proposta de Barra Jover (2002), referida anteriormente (Seção 2).

Admitindo a singularidade da trajetória evolutiva própria de cada preposição, o autor postula que, em um dado estado de língua, uma preposição pode reunir condições para seleção de uma proposição em *que*. Uma dessas condições é justamente a natureza do nome regido, em que se uma preposição pode selecionar um nome [4D], então é muito provável que ela possa selecionar também uma proposição em *que*. Esse postulado pode ganhar sustentação diacrônica, quando se consegue aferir uma correlação cronológica entre os usos de uma preposição *x* e a emergência de perífrase *x+que*. Mais especificamente, se em um dado texto, em determinado período da língua, a preposição *x* aparece na construção *x+que*, então, nesse mesmo texto, devem aparecer ocorrências em que a preposição *x* satisfaça a condição principal sobre a natureza do nome.

Considerando que, no universo dos textos investigados, a perífrase *sem que* surge no século XVI, para sustentação diacrônica, a expectativa é que: 1) em período anterior, a preposição já pudesse selecionar nomes com dimensões espaço-temporais; e, 2) que nos textos em que verifiquei as primeiras ocorrências de *sem que* devem aparecer também ocorrências da preposição com nomes [4D].

O exame nos dados permite confirmar que a preposição *sem* selecionava já no período arcaico nomes dos tipos [3D], [4D] e [-D]¹². Para lidar metodologicamente com a classificação dos nomes, adotei as bases da classificação tripartida de Lyons (1977), que distingue entidades de primeira, de segunda e de terceira ordem. Os nomes [3D] foram equiparados às entidades de primeira ordem: pessoas, animais e objetos físicos que têm propriedades perceptivas e são localizáveis no espaço, conforme (37)-(39). Os nomes [4D] foram equiparados às entidades de segunda ordem: eventos (atividades, processos e estados) que ocorrem ou ocorreram no mundo e são localizáveis no tempo, conforme (40)-(42). Os nomes [-D] foram equiparados às entidades de terceira ordem: relações abstratas que ocorrem no mundo mental e que independem de espaço e tempo, conforme (43)-(45).

- (37) (N^{3D}) responder **sen** seu alcaide (13DCS)
- (38) (N^{3D}) morrer **sen** filhos (13FRA)
- (39) (N^{3D}) peões **sen** lanças (13CEM)

- (40) (N^{4D}) casar **sen** mandado (=ordem) (13DCS)
- (41) (N^{4D}) **sen** demora (13CSM)
- (42) (N^{4D}) voltar **sen** contenda (=luta) (14CGE)

- (43) (N^{-D}) **sen** nenhum receo (14LM)
- (44) (N^{-D}) Bispo **sen** piedade (13CSM)
- (45) (N^{-D}) ir **sen** pavor (13CEM)

Considerando que as primeiras ocorrências de *sem que* foram identificadas em quatro textos diferentes – *Peregrinação* (16P), *Crónica D. Afonso Henriques* (16CDA), *Corte na Aldeia* (16CA) e *Monarchia Lusitana* (16ML) - reexaminei todas as ocorrências da preposição *sem* de cada um dos quatro textos, para apurar a coexistência entre *sem que* e nomes [4D]. Tal como nos textos do português arcaico, também nos documentos do século XVI, são abundantes os exemplares envolvendo as entidades de nível mais alto:

- (46) (N^{4D}) **sen** interpolação algũa (16ML)
- (47) (N^{-D}) **sen** nenhũ temor (16ML)

- (48) (N^{4D}) **sen** combate (16CDA)
- (49) (N^{-D}) **sen** medo (16CDA)

12 Nomes abstratos.

- (50) (N^{4D}) **sen** mais detença (16P)
 (51) (N^D) **sen** amor (16P)
- (52) (N^{4D}) **sen** a diligência e engenho (16CA)
 (53) (N^D) **sen** vergonha do mundo (16CA)

4.2 Da concomitância negativa à condição e à concessão

As construções conjuncionais com *sem que* se conformam aos mesmos padrões semânticos verificados para a preposição *sem*: *modo*, *condição* e *concessão*. A Tabela 2, a seguir, ilustra a frequência dos padrões funcionais de *sem que*, em perspectiva longitudinal. Mostra que, nos dados investigados, os três padrões estão presentes em todos os estados de língua, a partir dos textos do século XVI, quando da identificação dos primeiros dados de perífrase. Do total de 188 ocorrências de *sem que*, o padrão concessivo é mais frequente que os demais (95/188, 50,5%).

Tabela 2. Padrões funcionais de *sem que*, em perspectiva longitudinal

	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	Total
Modal	2 (50%)	7 (25%)	11 (26%)	31 (37%)	5 (16,5%)	56 (30%)
Condicional	1 (25%)	3 (11%)	15 (36%)	13 (15%)	5 (16,5%)	37 (19,5%)
Concessivo	1 (25%)	18 (64%)	16 (38%)	40 (48%)	20 (67%)	95 (50,5%)
Total	4 (100%)	28 (100%)	42 (100%)	84 (100%)	30 (100%)	188 (100%)

Apesar das especificidades de cada um, os três padrões de *sem que* se aproximam em termos morfossintáticos, no que se refere às opções de ordenação e ao emprego dos modos e tempos verbais; e em termos semânticos, no que se refere ao partilhamento de um núcleo nocional comum em torno da noção de *concomitância negativa*.

As construções *modais* com *sem que*, conforme descrição em (54), se realizam muito frequentemente com a posposição da oração-*sem que* (52/56, 93%) e selecionam invariavelmente modo subjuntivo, nos tempos presente ou imperfeito. Nesse padrão, *p* e *q* se referem ao mesmo evento, e *p* especifica algum aspecto do modo como *q* é realizado, tendo em vista o amplo domínio da concomitância negativa, que abriga noções de *negação*, *afastamento*, *privação* e *restrição*. De modo geral, conforme (55) a (59), *p* não acompanha *q* e, contextualmente, esse fato é percebido como notável.

- (54) *Sem que* modal
 [*q, sem que p, em que p não acompanha q e isso é considerado notável*]

- (55) (...) havendo grande abundância d'água corrente para perfeitamente limpar o Café, pôde poupar se a principal plataforma, pois então pôde o Café enxugar-se em alguma das plataformas de seccar **sem que** isto as arruine. (18OFB)
- (56) (...) e que aly se achavaõ officiaes, e soldados pagos; ahy os detiveraõ **sem que** conversacem huns com outros (18CMD)
- (57) Anselmo riu-se e calou-se; Manuel Luiz, percebendo que iam dansar, levantou-se, dirigiu-se a Margarida eoffereceu-lhe o braço, que ella aceitou sem pronunciar palavra, e **sem que** mesmo se dignasse de encara-l-o. (19REN)
- (58) Que o interrogatorio que lhe fez o *Senhor Doutor* juiz municipal da 4ª vara se effectuou na casa do mesmo juiz sem testemunhas, e **sem que** nos fosse permitido assistir. (19CD)
- (59) Alto, magro, usando um paletozinho xadrez de tergal e um boné tipo gatuno, ele traz um grande pacote retangular que apoia no batente da porta enquanto observa os dois **sem que** estes notem a sua presença. (20FAV)

As condicionais com *sem que*, conforme descrição em (60), se especializam na expressão de uma *eventualidade negativa*, o que se justifica em parte pela semântica da fonte *sem*. As orações introduzidas por *sem que* são preferencialmente pospostas (31/37, 84%) e se realizam sempre com subjuntivo. Nesse caso, *p* equivale a uma especificação *a posteriori* que estabelece as condições sob as quais *q* será realizado, como em (61) a (65). A oração núcleo (*q*), em todos os casos, é construída com uma negação explícita (*não, nunca, nenhum, jamais, prefixo in-, etc.*), como destacado pelos grifos. Em perspectiva translinguística, para línguas europeias, Kortmann (1997, p. 206) verifica que condição negativa é uma leitura frequente para marcadores de concomitância negativa, sobretudo em contextos de orações complexas. Mostra que *without*, do inglês¹³, *fără (ca)*, do romeno (port. *sem (que)*) e *ohne dass*¹⁴, do alemão (port. *sem (que)*), são juntores que podem assumir as duas leituras.

(60) *Sem que* condicional

[*não q, se não p*, em que a não realização de *q* é implicada pelo não cumprimento de *p*]

- (61) (...) n'esta Fórma Fica Sendo a ReCruta gêral e Relativa a todas as Villas d'esta ComárCa, e Conforme a ultima Ordem de Vossa ExCelenCia devo suspendela, e por estes póvos em socego, o que Com tudo não farei, **Sem que** Vossa ExCelenCia asim o ordene, depois d'este ReCebimento. (18COP)
- (62) *Roberto*, rei da Bretanha, na guerra contra os Syros, recebeo no braço um golpe com ferro envenenado, o qual não podia sarar, **sem que** alguém extrahisse com a boca o mal que se achava ali depositado. (19PP)

13 Compare as construções com *without*, do inglês (cf. KORTMANN, 1997, p. 206):

- (a) She left the room *without* giving me a hug (concomitância negativa)
(b) I couldn't go to sleep *without* her giving me a hug (condição negativa)

14 Baerentzen (1995, *apud* Rudolph, 1996) distinguiu para as construções com *ohne dass*, do alemão, diferentes subtipos semânticos entre causal, condicional, consecutivo, e mais recentemente, concessivo.

- (63) As mulheres não são communs, mas he licito a cada hum tomar quantas quer; e não tomarião mulher virgem **sem que** primeiro dormisse huma noute com o seu Senhor, o que reputão grande honra. (19NHG)
- (64) (...) e ordenei de combinação com o *mestre* das obras de não continuarem mais nesses reparos **sem que** as chaves da referida Casa fossem depositadas na Secretaria da *Mizericordia Segundo* o regulamento (19CD)
- (65) Advertimos pela ultima vez aos nossos Correspondentes, que nenhuma correspondencia publicaremos **sem que** venhão assignadas, e reconhecidas. (20CLR)

No padrão concessivo, conforme descrição em (66), *sem que* participa de uma relação de quebra de expectativas que, como argumentarei a seguir, apresenta pelo menos duas manifestações diferentes do pensamento concessivo. Também nesse padrão semântico, assim como naqueles discutidos anteriormente, a posposição da oração-*sem que* é quase categórica (93/95, 98%) e o modo é sempre subjuntivo, presente ou imperfeito.

- (66) *Sem que* concessivo
[*q, embora não p, em que p não acompanha q e isso quebra expectativas*]

Os dados indiciam que convivem pelo menos dois tipos de concessão com *sem que* e que ambos partilham a *suspensão de uma relação* como resultado de uma quebra de expectativas. O primeiro tipo, próximo à concessão canônica, é fundado na negação de um pressuposto de causalidade, em geral implícito; o segundo tipo, restritivo, é fundado em uma relação entre forças argumentativas, em que o conteúdo proposicional da oração principal tem sua validade retificada, restrita ou atenuada pelo conteúdo da oração modificadora. Nos termos de Moeschler e Spengler (1982), trata-se de duas formas de apresentação do discurso, uma pautada na prova, outra no argumento.

No primeiro caso, as construções se conformam ao esquema de implicação – padrão das concessivas - do tipo *normalmente se p, então não q* (cf. KÖNIG, 1985; RUDOLPH, 1996; LATOS, 2009; PANDER MAAT, 2015; GAST, 2019), em que a expressão *normalmente* se refere a pressupostos partilhados pelos sujeitos nas tantas experiências e vivências sociais. As ocorrências de (67) a (72) são representativas desse esquema. Em (67), a dureza dos indígenas é colocada explicitamente como causa da dificuldade ou do impedimento do trabalho dos religiosos. Mas essa relação causal é suspensa, já que os religiosos seguem ensinando e catequizando. Em (68) e (69), a relação de causalidade é uma pressuposição que precisa ser mobilizada a partir do conhecimento de mundo e, então negada em *p*, para a construção dos significados. Em (68), a pressuposição é a de que alguém que permaneça mais de meia hora submerso não consiga manter a consciência nem a própria vida; em (69), a pressuposição é a de que pessoas oriundas de áreas infectadas tenham grande potencial de transmissão. Ambas

são suspensas. Interpretações similares valem para as demais ocorrências. Em todos os casos, as pressuposições têm estatuto pragmático, são parte do conhecimento comum e, nas situações comunicativas, os falantes/escreventes tomam sua verdade como certa e supõem que os outros envolvidos suponham o mesmo (cf. STALNAKER, 1972).

- (67) (...) & mais acreditado com os índios, juntamente se occupaua na cultura delles; visitauã de ordinário sete, ou oito Aldeas á pé, distantes três, & quatro legoas, ensinando, cathequizãdo, batizãdo **sem que** a dureza, & ingratião dos corações índios fosse causa pera enfadarse delles. (17VVP)
- (68) (...) depois de auer estado por mais de meia hora no fundo das agoas **sem que** jamais perdesse o sentido, cuidadoso de tres couzas (como elle dizia) de Iesu, Maria & de nam beber agora. (17VVP)
- (69) (...) nós vemos vir pessoas infectadas do lugar aonde reina a peste, **sem que** por isso tragão o contagio (18HL)
- (70) (...) e foi ao meyo dia embarcando toda agente navegamos por tempo de quatro horas, e por que nos viesse huma grande tempestade de chuva, Trovoins, e Rayos nos vimos obrigados a embicar as Embarçaõens ao barranco do Rio **sem que** ninguem pudece saltar em terra; cujo barranco era bastantemente alto, e com gróssos matos. (18CMD)
- (71) Endo-se experimentado muitas vezes, e em diversos tempos do anno, semear trigo, parece que elle não pôde chegar aqui á sua perfeita maturação, e que não produz espiga chêa; cresce porém todo em herua, **sem que** se crie grão algum (19NHG)
- (72) (...) e certamente antes que vissemos o que hum elefante fazia em Cochim, não teríamos podido crer o que elles contaõ, isto he, que dous elefantes sem pessoa alguma mais, puxem pela terra huma não de quatrocentas ou quinhentas toneladas, ou a levem do estaleiro parta o mar **sem que** mais ninguém trabalhe n'isto (19HNG)

O esquema de representação da manobra argumentativa colocada em jogo por *sem que* é ilustrado pela Figura 1. Ao enunciar *q*, o locutor declara a verdade de *q* e, com base nas condições normais do mundo (pressuposição pragmática), implica *não-p*. Ao enunciar *sem que p*, suspende a relação de implicação, evidenciando uma contradição entre *p* e *não-p*. A prevalência da posposição da oração-*sem que*, frequentemente focal, está a serviço de reforçar *p* enquanto argumento decisivo. Nesses termos, as duas propriedades inscritas no padrão concessivo prototípico de *sem que* são: a existência de uma *contradição*¹⁵ entre o que é inferido e o que é afirmado, e a presença de uma hierarquia entre os pesos dos conteúdos das orações como argumentos para conclusões.

15 Assumo que duas proposições são contraditórias quando a verdade de uma delas implica a falsidade da outra, *i.é.*, elas não podem ser ambas verdadeiras ou ambas falsas (cf. CRUSE, 2006).

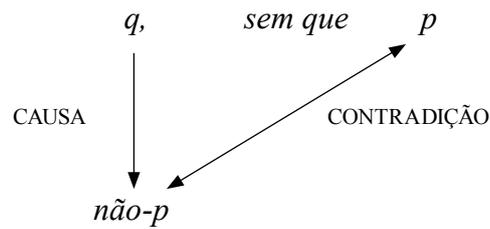
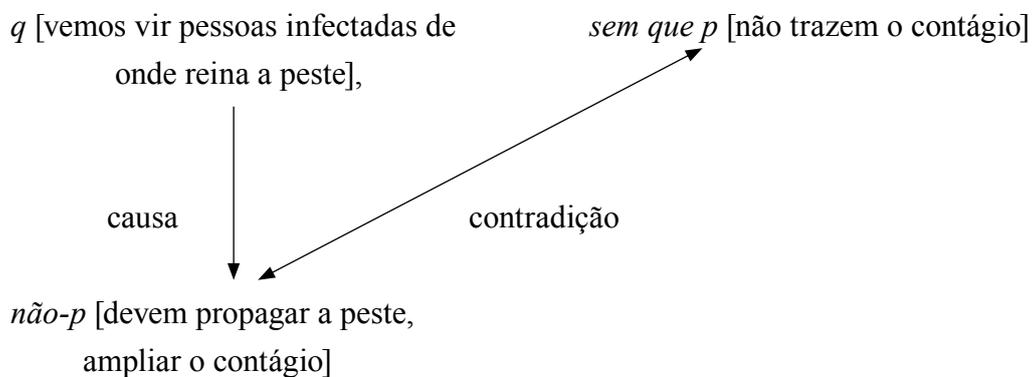


Figura 1. Esquema argumentativo de *sem que* concessivo

Aplicando o esquema às ocorrências, em que tomo (69) como exemplo, temos:



Em frequência muito menor nos dados, estão as instâncias de *sem que* que, diferentemente de (67) a (72), não se constroem em torno da suspensão de uma causalidade, mas há, como já referi, uma quebra de expectativas em decorrência da restrição, retificação ou atenuação do conteúdo da oração principal. A suspensão, nesse caso, é mais propriamente do número de suposições que poderiam ser obtidas com a enunciação de *q*. São ocorrências que se aproximam do que Latos (2009), Pander Maat (2015) e Gast (2019) chamam de *concessivas restritivas*. Para os autores, o contraste resultante repousa essencialmente na diferença de forças argumentativas. Em (73) a (77), o conteúdo de *sem que p* restringe o conjunto de inferências possíveis a partir de *q*.

- (73) Destes indios andaõ bastantes fogidos *que* vaõ notados nas listas os *de que* se lembraõ os *Padres Superiores* Nem podemos saber o lugar a onde andaõ pella extençaõ das minas geraes por onde ordinariamente morrem sem sacramentos **sem que** valha deligencia alguã noSsa *para* evitar tal perda. (18COP)
- (74) Esta Ilha foi descoberta por João Gonsalves Zarco, e Tristão Vaz, que tinham sido mandados pelo Infante para passar o Cabo Boja e quatro annos para cá, **sem que** até então tivesse sido habitada (19NHG)
- (75) (...) todos os nossos Historiadores quando tratão desta viagem, dizem que o dito Capitão partira do Tejo em o dia 6 de Abril daquelle anno, levando tres navios debaixo do seu commando, **sem que** nenhum falle em o quarto, nem em o Feitor João de Empoli (19NHG)

- (76) É o controle por manipulação que atua sobre as mentes, visando a induzir ou coibir atitudes, **sem que** seja necessário recorrer à lei e seu comando coercitivo. (20RDF)
- (77) Na verdade, daí em diante, várias vezes as autoridades, sobretudo militares, tomaram medidas só cabíveis decretado o estado de sítio, **sem que** este o fosse (20RFD)

Considerações finais

O estudo forneceu algumas respostas às questões elencadas previamente. O perfil da preposição *sem* é fundamental para compreender aspectos de sua trajetória evolutiva. Especializada na introdução de adjuntos e predicativos, a preposição *sem*, desde muito cedo, passou a intermediar orações, recobrando uma área que é típica das conjunções. Os usos conjuncionais de *sem* guardam resquícios dos usos preposicionais originais tanto no esquema de adjunção, quanto na expressão de uma rede polissêmica similar.

A reinterpretação como perífrase conjuncional *sem que*, mais tardia, teria sido favorecida por propriedades da preposição. A capacidade de selecionar nomes com dimensões espaço-temporais e nomes abstratos, e a capacidade de selecionar estruturas reduzidas de infinitivo, muito próximas às orações desenvolvidas, dada a presença de complementos e, em alguns casos, de sujeito explícito, aliadas à habilidade de expressar relações adverbiais, garantiram a *sem* condições para saturar o esquema abstrato $x+que$, o que parece ter ocorrido, segundo os dados, por volta do período quinhentista.

Do ponto de vista dos significados, as alterações deram lugar a uma perífrase multifuncional, apta à expressão de *modo*, *condição* e *concessão*. A compreensão da semântica original de *sem*, no domínio espacial, trouxe alguma luz sobre a constituição dos significados novos. A noção peculiar de não presença no espaço, reinterpretada aqui em termos de *concomitância negativa*, a princípio no espaço, depois no tempo e nas relações mentais, experimentou expansões contextuais, com deslizamentos rumo à expressão de um tipo de nuança modal (*p* não acompanha *q* e isso é notável); de um tipo de nuança condicional (uma eventualidade negativa: *não q, se não p*), e de pelo menos dois tipos de relações concessivas, um ancorado na suspensão de uma pressuposição causal, outro em restrições e/ou atenuações de possíveis suposições. A atuação de *sem que* no domínio da condicionalidade e, especialmente, no domínio da concessividade, é evidência da *(inter)subjetivização* dos significados (TRAUGOTT; DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2012).

Referências

BARRA-JOVER, Mario. **Propiedades léxicas y evolución sintáctica**. El desarrollo de los mecanismos de subordinación en español. A Coruña: Toxoutos, 2002.

- BARRA-JOVER, Mario. Des contraintes générales romanes sur la construction préposition/ adverbe + *que* et les particularités évolutives du français. In: Jacob, Daniel & Ploog, Katjia (eds). **Autour de *que* – El entorno de *que***. Peter Lang, p. 19-46, 2013.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERTOCCHI, Alessandra & Maraldi, Mirk. Conditionals and concessives. In: Baldi, Philip & Cuzzolin, Pierluigi (Eds). **New perspectives on historical latin syntax: Complex Sentences, Grammaticalization, Typology**, Vol. IV. Berlin: De Gruyter Mouton, p.93-193, 2009.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. **Linguistic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CAMARA, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 1975.
- CRUSE, Alan. **A glossary of semantics and pragmatics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- CUNHA, Celso & Cintra, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ERNOUT, Alfred & Meillet, Antoine. **Dictionnaire etymologique de la langue latine: histoires des mots**. Paris: Librairie Klincksieck, 1951.
- GAST, Volker. An exploratory, corpus-based study of concessive markers in English, German and Spanish. In: Loureda, Óscar *et al.* (eds) **Empirical studies of the construction of discourse**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2019, p. 151-191.
- HANSEN, Maj-Britt Mosegaard & Visconti, Jacqueline (Eds.). **Current trends in diachronic semantics and pragmatics**. Emerald Group Publishing Limited, 2009.
- HANSEN, Maj-Britt Mosegaard. A pragmatic approach to historical semantics, with special reference to markers of clausal negation in Medieval French. In: Allan, Kathryn & Robinson, Justyna (Eds). **Current Methods in Historical Semantics**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2011, p. 233-257.
- HARRIS, Martin. Concessive clauses in English and Romance. In: Haiman, John & Thompson, Sandra (Eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, p.71-99, 1988.
- HEINE, Bernd & Kuteva, Tania. **The genesis of grammar: a reconstruction**. New York: Oxford University Press, 2007.
- HERMAN, József. **La formation du système roman des conjonctions de subordination**. Berlin: Akademie-Verlag, 1963.
- HERRERO-RUIZ, Javier. **Sintaxis histórica de la oración compuesta en español**. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: Traugott, Elizabeth Closs & Heine, Bernd (Eds). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 17-35, 1991.
- ILARI, Rodolfo *et al.* A preposição. In: Ilari, Rodolfo (org) **Palavras de classe fechada**. São Paulo: Contexto, p.163-310. 2015.
- KABATEK, Johannes. Tradições discursivas e mudança linguística. In: Lobo, Tânia *et al.* (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: Editora da UFBA, p.505-527. 2006.
- KEWITZ, Verena *et al.* As preposições: aspectos históricos e usos atuais. In: Lopes, Célia Regina dos Santos (Org.) **História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra**. São Paulo: Contexto, p. 294-383. 2018.
- KÖNIG, Ekkehard. On the history of concessive connectives in English: diachronic and synchronic evidence. **Lingua**, 66: p.1-19. 1985.
- KORTMANN, Bernd. **Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- KURY, Adriano. **Português básico: Gramática, Antologia, Exercícios**. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- LATOS, Agnieszka. Concession on different levels of linguistic connection: typology of negated causal links. **Newcastle working papers in linguistics**, 15: p. 32-103. 2009.
- LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MAURER, Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- MOESCHLER, Jacques & Spengler, Nina. La concession ou la refutation interdite: approches argumentative et conversationnelle. **Cahiers de linguistique française**, 4: p. 7-36. 1982
- MONTERO CARTELLE, Emilio. La importancia del modo en la evolución de la expresión concesiva. **Actas del V congreso internacional de historia de la lengua española**. Gredos: Valencia, p. 795-801. 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.
- PANDER MAAT, Henk. Two kinds of concessives and their inferential complexities. In: In: Knott, Alistair *et al.* (eds.) **Levels of representation in discourse**. Edinburgh: Human Communication Centre, p. 45-54. 1999.
- PONS RODRÍGUEZ, Lola. Notas sobre os nexos concessivos en los romanceamientos bíblicos medievales. In: Enrique-Arias, Andrés (Ed.). **Diacronía de las lenguas iberorománicas: nuevas aportaciones desde la lingüística de corpus**. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, p.305-324. 2009.
- RAMOS, Marta Anaísa Bezerra & Silva, Camilo Rosa. A função junctiva da preposição *sem*: especialização de uso em orações adverbiais reduzidas de infinitivo. **Gragoatá**, 40, p. 273-294. 2016.

- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- ROMERO, Nanci. Gramaticalização, lexicalização e semanticização de *com* e *sem*. In: Castilho, Ataliba Teixeira de (Org.). **História do português paulista**. Campinas: Editora da Unicamp, p.519-557, 2009.
- RUDOLPH, Elisabeth. **Contrast**: adversative and concessive expressions on sentence and text level. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1996.
- SOUTET, Olivier. Des concessives extensionnelles aux concessives simples: contribution à l'étude de la genèse sémantique et historique des locutions conjonctives concessives du français, **LINX**, 59, p. 115-132. 2008.
- STALNAKER, Robert. Pragmatics. In: Davison, Donald & Harman, Gilbert (Eds.) **Semantics of natural languages**. Dordrecht: Reidel, p.380-397, 1972.
- TRAUGOTT, Elizabeth. Pragmatics and language change. In: Allan, Keith & Jaszczolt, Kasia (Eds) **The Cambridge handbook of pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, p.549-566, 2012.
- TRAUGOTT, Elizabeth & Dasher, Richard. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- WALTEREIT, Richard. On the origins of grammaticalization and other types of language change in discourse strategies. In: Davidse, Kristin *et al.* **Grammaticalization and Language Change: New reflections**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, p.51-72, 2012.